

## A “ÁGUA GRANDE” NO AMAZONAS DE 1953 E A “ACQUA ALTA” EM VENEZA DE 1966: DUAS HISTÓRIAS, VÁRIAS MEMÓRIAS.

Leno José Barata Souza (Faculdade Sumaré) \*\*

### **Resumo:**

O artigo tem como objetivo maior, um estudo relacional das enchentes de 1953 no estado do Amazonas e de 1966 na cidade de Veneza. Os incríveis alcances e efeitos dessas colossais cheias serão sentidos aqui, sobretudo, a partir das memórias pessoais dos alguns entrevistados no Amazonas e Veneza. Esse estudo relacional, entre conjunturas históricas aparentemente tão distantes e diferentes, buscará uni-las por intermédio das comuns interações culturais entre o rio e mar que marcam fortemente e influenciam a vida e os viveres das respectivas sociedades nestas duas regiões, sobretudo quando de enchentes extraordinárias como as de 1953 e 1966 que, nos limites deste artigo, fomentaram outras histórias e reanimam novas memórias dos lugares.

Palavras-chave: Manaus; Veneza; memórias; enchentes.

### **Abstract:**

The article has the greater goal, a relational study of the 1953 floods in the state of Amazonas and 1966 in the city of Venice. The incredible scope and effects of these colossal floods will be felt here, especially from the personal memories of some respondents in the Amazon and Venice. This relational study between historical junctures apparently so distant and different, seek to unite them through common cultural interactions between the river and sea marking strongly and influence the lives and you live of their societies in these two regions, particularly when extraordinary floods such as 1953 and 1966, within the limits of this article, they encouraged other stories and reanimate new memories of places.

Keywords: Manaus; Veneza; memories; floods.

### **Introdução: tema e problemas**

Uma grande enchente dos rios amazônicos se abateu sobre o estado do Amazonas em 2009;<sup>1</sup> notícias na imprensa davam conta de se tratar da maior enchente já registrada no estado, superando a descomunal enchente de 1953 (o que ao final se confirmou) cujas histórias, apenas tangenciaram as discussões de nosso doutorado (SOUZA, 2010) que, em 2009, encontrava-se às vésperas da conclusão e, por isso, não pudemos retornar as questões da cheia de 1953 que, à medida da passagem dos meses de 2009, foi perdendo seu posto de maior enchente já registrada no Amazonas.

Percorrendo as “águas grandes” amazonenses chegamos a “*acqua alta*” (inundação veneziana, as águas sobem a mais de 80 cm acima do nível do mar, comuns entre os meses de setembro e abril) de Veneza, na Itália que conhecemos por conta dos compromissos de uma Bolsa Sanduíche no âmbito da *Università La Sapienza* de Roma em 2009. Naquele momento nos chamou a atenção algumas placas de aviso: “*Acqua alta: percorsi perdonali alternativi*”<sup>2</sup> que, grosso modo, informavam aos moradores e turistas sobre providências estruturais e alertas para com as inundações. Assim, as primeiras relações com a Manaus, de onde partimos, foram inevitáveis, iniciando as primeiras analogias entre as histórias e memórias da grande enchente amazonense de 1953 e a veneziana de 1966.

Tanto a inundação amazonense quanto a veneziana, dada as suas marcas físicas, econômicas, sociais e políticas, acabaram por reanimar histórias e afrontar uma memória, pessoal e coletiva entre seus moradores que, nos limites desse artigo, serão confrontadas como um poderoso elo cultural entre as sociedades humanas e meio natural. Aliança esta, cada vez mais fragilizada frente a sociedades urbanas de “pedra e cal” que, cada vez mais, vêm dando as costas para seus cursos d’água, movimento intensificado por uma geração de jovens, de ambos os lados do oceano, pouco incentivada a querer saber sobre o rio, igarapés, laguna e canais com suas vivas culturas nas quais as águas grandes e altas são sempre expressões em maior relevo.

### **Encontro e desencontros das águas.**

Os rios amazônicos milenarmente seguem o ciclo de cheias e vazantes de suas águas, regime que os moradores do lugar, sobretudo os ribeirinhos, estão acostumados, adaptando seus modos de vida a este regime cíclico do complexo hídrico de uma região, que ocupa quase 50% do território brasileiro.

Assim sendo, propomos uma síntese desse grande território, nos concentrando na então “Região de Manaus” (SOARES, 1963: 223),<sup>3</sup> e na confluência de seus rios: Solimões/Amazonas-Negro. Neste ponto, podemos “arriscar” que o regime das águas tem o ponto médio no mês de junho, ápice da subida dos rios, depois do qual, até dezembro, ocorre a vazante das águas, quando as margens e o horizonte recuam.

Costumeiramente, o lugar do ribeirinho amazônico é o espaço mediano das várzeas, uma espécie de “entremundos”, coexistindo entre as terras firmes da floresta altas aos “fundos” de sua janela, ricamente extrativa, e os rios gigantescos, que correm à frente de sua porta, porto e estrada para suas “montarias”, lugar de morar, pescar, trabalhar e farrear.

Nesse particular mundo médio das várzeas, vive e trabalha o ribeirinho, ele sabe que de novembro a junho suas terras baixas serão inundadas pelas águas, daí a estratégia das palafitas amazônicas, do tapiri à base de palha e madeira leve, das casas flutuantes das quais se valem, sobretudo em épocas de alagações incomuns; dos seus jiraus e marombas, ambos flutuantes também, os primeiros, canteiros onde plantam verduras e ervas para saciar sua fome e amenizar suas febres, já as marombas formam uma espécie de curral para o abrigo das criações, último recurso do fazendeiro ribeirinho diante das águas colossais e da ferocidade das cobras e jacarés sempre à espreita de suas reses.

Os insulares venezianos, por sua vez, também vivem em outro particular “entremundo”, cercados de um lado por sua laguna e de outro pela terra firme. Se a laguna é vizinha extremamente próxima, na medida em que ela tanto roça as margens da cidade como a invade na forma de seus famosos canais, a hinterlândia só pode ser alcançada pelo mar, ou depois de vencido os 3.850 m da Ponte Della Libertá.

Assim, os venezianos também possuem uma longa e peculiar intimidade com a cultura das águas. Nas ilhas, eles, portadores e produtores de uma história de quase 1500 anos, levam uma vida de franca relação (harmônica e conflituosa) com as águas da laguna e do Mar Adriático. Nas águas, ou a partir delas, organizam seu transporte por intermédio de barcos (carros são proibidos na cidade), suas festas e seus rituais (como as regatas e procissões religiosas), as águas inspiram ainda histórias e fomentam memórias.

As águas da laguna, de longa data, ainda interferem na construção e reforma das casas e prédios, bem como nos usos e configurações dos espaços urbanos onde becos, pontes, campos (praças) e orlas são sempre margeados ou franqueados pelas águas da laguna, a marca mais expressiva da fisionomia da cidade, cuja estética, única, sempre foi fator de admiração e imaginação em todo mundo.

As enchentes, menos que um fenômeno natural, para amazonenses e venezianos animam-se como uma paisagem cultural cíclica que dá sentido a vários de seus modos de vida, cotidianamente ligados ao rio, igarapés, canais e laguna, fontes ainda de peculiares histórias e memórias que plasmam a vida daqueles lugares, tornando inteligível boa parte de sua realidade histórica.

O pico médio das cheias amazonenses gira em torno de 27,71 m; aos 27 m já surgem as primeiras e costumeiras alagações. Um metro e meio a mais de água e precipitam-se os primeiros transtornos para os ribeirinhos; aos 29 m, segundo técnicos do Porto, tem-se a cota de emergência. A maior enchente até então, a de 1922, subiu a 29, 35 cm, mas a de 1953 atingiu 29,69 m, 70 cm acima do nível crítico e quase 2,70 m acima do nível sazonal.<sup>4</sup>

Os números podem parecer pequenos, mas, tendo em conta Manaus “como uma cidade fluvial de confluência” (AB’SABER, 1953: 20) de dois rios gigantes, o Amazonas, maior (6.868 km) e mais volumoso rio do mundo, e o Negro que, na frente de Manaus, atinge 22 km de largura (AB’SABER, 2002: 08), podemos assegurar, portanto, que qualquer “lâmina” de água acima do costume cíclico é o suficiente para o transbordamento das margens urbanas sempre próximas e quase paralelas ao leito dos rios e igarapés.

São oito meses de subida, em ritmo mais lento que os quatro meses de descida do rio. Ainda assim, as águas não se precipitam (para cima ou para baixo) num repente, surpreendendo os moradores do lugar, tal como enfatizou Bittencourt (1965, p. 13): “Não há movimentos torrenciais. Ninguém morre surpreendido pelas águas” no Amazonas.

A *acqua alta* de Veneza, do mesmo modo, não vem em torrentes, também segue uma cadencia lenta de subida e descida, por isso também não costuma ser fatal e, para os venezianos com quem conversei, representa quase um tabu: “Assolutamente! Questa cosa (la morte) qua a Venezia, nessun é morto per una acqua alta, perche l’acqua arriva piano e se nè vá via piano [...]”, foi a enfática resposta da veneziana Lidia Fersuoch, nata a 1956, a nossa pergunta sobre mortes por causa de *acqua alta* em Veneza.

Contudo, há os “desencontros” também. Diferente do Amazonas onde as águas permanecem grandes por quase oito meses contínuos, a “*acqua alta*” é inconstante, podendo ou não ocorrer entre os meses de setembro e abril, ela apresenta ainda um ciclo de tempo mais assinalado, tendo mesmo uma hora específica de começo e fim. Um quadro regular informa que as águas da laguna sobem por volta das 12h, refluem até às 18h, voltam a subir perto das 23h para sofrerem outro refluxo por volta das 5h, totalizando duas entradas e duas saídas de águas na cidade realizadas através de três Bocas de Porto: Lido, Malamocco e Chioggia que mediam o fluxo-refluxo das águas da laguna com o Mar Adriático.

O trânsito de águas entre mar e laguna assemelha-se a dois respiros profundos e distensos que, em média, ocorrem a cada seis horas, levando Giulio Obici (1967, p. 14, grifo nosso) a associar a Laguna de Veneza a um grande pulmão, cujo “oxigênio”, resulta da troca de águas e garante a vida de Veneza: “Per sei ore il mare dà, per altre sei riceve [...] La laguna può essere paragonata a un **polmone** [...]”.

Observando ambos os regimes naturais, menos que uma linha entre cheia e vazante, eles se configuram mais como uma espécie de relógio natural constantemente aprimorado pelos moradores que, valendo-se de valores próprios, costumam mensurar, renomear e subdividir suas fases. Se as águas representam o “mostrador”, as cheias e vazantes formam os “ponteiros” que dão movimento ao mecanismo e informam o tempo dos ciclos aquáticos que se sucedem periodicamente nos dois lugares.

O “mostrador” amazônico é animado exclusivamente pelas águas fluviais do seu imenso complexo hídrico, já o movimento de seus “ponteiros”, na subida ou na descida do rio, é perceptível apenas em dias, perfazendo uma trajetória muito mais cadenciada que os movimentos do relógio veneziano, cujo “mostrador” é assinalado pelas trocas de água entre mar e laguna, cuja oscilação de seus “ponteiros”, que marca a entrada e a saída de água na laguna se faz sentir visivelmente em horas, completando seu ciclo num ritmo muito mais frenético e marcado do que os lentos passos e compassos da estação amazônica das cheias.

O mecanismo veneziano, vinculado, em síntese, aos índices pluviométricos e, sobretudo dos ventos marinhos, mesmo quando dos picos de *acqua alta*, entre novembro e dezembro, pode ou não entrar em ação. Assim, Veneza, tanto poderá passar dias a fio com ocorrência de enchentes (fato cada vez mais comum nas últimas décadas), como outros tantos em que as sirenes de *acqua alta* permanecerão mudas.

No Amazonas isso é quase impensável, ainda que se tenha registro que o rio não tenha enchido em novembro de 1904, 1912, 1914 e 1939, fevereiro de 1912, abril de 1926 e junho de 1915 e 1936, e que não tenha vazado apenas em outubro de 1936 (THURY, 1953, p. 22), a lei natural que põe em funcionamento o mecanismo das águas é certo e ininterrupto.

Mesmo quando os “ponteiros” não se movimentaram, contrariando o andamento natural do ciclo, isso não representa nenhuma inversão da lei (seca por vazante e vice-versa), mas apenas de suspensões temporárias nas fases de subida ou descida do rio e muito menos significa que as fases não vão se suceder. O rio, todo ano e o ano todo, vai encher e secar, as exceções mais confirmam a regra do regime amazônico do que a contestam.

Sob a luz da memória de alguns dos nossos entrevistados, também pudemos levantar inquietantes história sobre seus respectivos regimes naturais. Sebastião de Souza Garcia, nato a 1938 na ilha do Manaquiri, se voltou para esta para compor um tempo soberano, subordinado as estações do rio:

[...] naquela época, o verão era certo, mas o inverno também era. No mês que nós temo agora (novembro), antigamente, quando eu tinha os meus 10 anos, era primeira chuva do inverno, nesse mês que nós tamo hoje em dia, dá a chuvada, aí o rio enchia um pouco, daí em dezembro parava, fim de dezembro, aí parava o rio, aí em janeiro começava a encher, aí também só ia parar em junho [...] mas eu alcancei essa época que quando era verão, era verão, no mês de inverno, era inverno. É o seguinte: janeiro, fevereiro e março, já tinha um solzinho, aí mês de abril começava (verão), abril, maio, junho, julho e agosto, setembro, daí já começava o inverno [...].

O veneziano Gilberto Ballarin, por sua vez, também se volta para sua ilha, Pellestrina (comuna de Veneza), onde nasceu em 1948, para me contar sobre as estações de antigamente, recuperando um tempo veneziano, cuja composição se aproxima aos sentidos e perspectivas das estações amazônicas pensadas por Sebastião Garcia.

[...] in fatti, dopo che una volta, le marèe si facevano piú spesso all'inverno, é col tempo, diciamo che portavano di piú d' adesso; adesso, una volta ogni mese, al marèe un'po eccessivo, ma all'epoca si c'era inverno era inverno, il màre dal scirocco, come le dice anche il mio colega (Emilio, outro entrevistado) erano spesso, un giorno si, un giorno non [...].<sup>6</sup>

No Amazonas e em Veneza, suas enchentes ocorrem dentro desses respectivos quadros naturais, mas, tanto em 1953, quanto em 1966, essa moldura foi rompida. Aquelas águas “grandes” e “altas” ultrapassaram todas as balizas, subjugando antigos marcos de alagações passadas como, no caso amazonense, a de 1909 e 1922, cravando 1953 no topo das escalas de medições das cheias, ficando ali, soberana, por quase sessenta anos e, no caso veneziano, o nível de 1966, 194 cm acima do nível do mar, ainda permanece inalcançável.

Quando os limites comumente reconhecidos são vencidos e as águas se espraíam para além da moldura daquele quadro natural, as cheias deixam seu caráter trivial para assumir formas de fenômenos adjetivados por termos superlativos como grandes, altas, excepcionais, descomunais. Seus efeitos passam a ser medidos por índices de catástrofe, drama, destruição e medo: “Grandes cheias: grandes calamidades e grandes misérias”, mensurou Samuel Benchimol (1977, p. 436). Arthur Reis (1967/68, p. 29), se reconhece a naturalidade e utilidade das enchentes comuns, também alerta para as destrutivas “cheias anormais” que, quando “passam os limites, destroem plantações, matam o gado, arrasam casas”, como “[...] a enchente de 1953, a mais pronunciada [...] quando ás águas atingiram níveis que escapavam as previsões e que jamais haviam sido alcançados no período abarcado pela memória dos mais velhos”, segundo o geógrafo Sternberg (1956, p. 44 e 207).

Em termos de Veneza, os sentidos das palavras dos autores italianos, para além das traduções, podem ser compreendidos também em sinonímia aos significados propostos por Reis, Benchimol e Sternberg. “Ésso documenta una **tragédia** vissuta in prima persona dalle nostre popolazione” alerta (MONTAGNI, 2006, p. 16, grifo nosso); <sup>7</sup> ou, “[...] partendo dal grande **momento-svolta** rappresentato per la Venezia contemporânea dall' alluvione del 1966” (ORTALLI, 2006, p. 22, grifo nosso); <sup>8</sup> “[...] l'acqua alta di tanti giorni l'anno o peggio, l'acqua granda di certi **drammatici giorni** di questo secolo, come quel disastroso 4 novembre del 1966” lembra (MENCINI, 1996, p. vii e 04, grifo nosso) <sup>9</sup> e, ainda, “La

**paurosa** alta marèa del 4 novembre 1966 (...) fu assolutamente **eccezionale...**” (SOLKA, 1976, p. 14-15, grifo nosso).<sup>10</sup>

E a “memória dos mais velhos”, retomando Sternberg, o que nos contaria sobre suas respectivas enchentes? Lidia Fersuoch, com menos de dez anos na *acqua alta* de 1966, recupera as palavras da sua mãe para enriquecer sua narrativa, “[...] io mi ricordo, soprattutto per le parole di mia mama [...]”<sup>11</sup> que lhe advertia sobre o que a menina estava vendo e vivendo: “[...] mia mama me aveva spiegato bene, cio é: l’acqua non scendeva, non é scesa, ed era la prima volta che Lei sapesse che l’acqua non era scesa [...] mai visto”.<sup>12</sup>

Graziella Vianello, nata a Pellestrina em 1943, mesmo mais velha, em relação à Lidia Fersuoch, também se valeu da memória dos seus antepassados para potencializar suas excepcionais histórias sobre a *alluvione* (enchente) veneziana que quase liquidou com a sua ilha. Mau havíamos terminado a pergunta: “E come quella (alluvione), Lei non há visto?” e ela, a luz dos conselhos de seu pai, foi taxativa: “Non! Non! Ma neanche io mio papa che già era piú anziano, mai visto!”.<sup>13</sup>

“Mai” (nunca), que concluem tanto as lembranças de Lidia como de Graziella, é a palavra que une todas as narrativas orais dos nossos entrevistados venezianos. Ela anima e anuncia o caráter do ineditismo assustador da *acqua alta* de 1966, nunca antes e nem depois. Sentidos estes que também coincidem com outros registros históricos como jornais, livros, leis e documentários cinematográficos sobre o evento veneziano.

Diferente dos venezianos que lembram e falam (por “laudas” a fio) de imediato sobre sua enchente, entre os interlocutores amazonenses, isso foi menos comum, ainda que Terezinha Lopes, manauense de 1938, à pergunta sobre problemas para os moradores trazidos pelas enchentes, tenha particularizado, por conta própria, a incrível alagação de 1953: “Não, não, nunca teve, **só mesmo 53** que teve uma alagação aqui que veio até aqui em cima, em 53 alagou aqui o quintal de casa [...]” e Olindina Neves, acreana de 1931 que, à mesma pergunta, pode ter esquecido o ano da enchente, ao que retrucamos: “1953?”, mas não de sua grandeza, “[...] a maior que teve [...]”. Em regra, porém, a “água grande” amazonense, para os entrevistados locais, não surge naturalmente em suas memórias e, por vezes, nem é mesmo, ao contrário de entre os venezianos, a personagem principal de suas histórias.

No início das entrevistas em Manaus, cometemos o erro de querermos ir “direto ao ponto”: a grande enchente de 1953. “Eu gostaria que o senhor me falasse da enchente de 1953”, foi a primeira pergunta que fiz a Renato Chamma, manauense de 1930 e antigo comerciante do Centro de Manaus que, surpreso e um tanto irritado, rebateu secamente: “Fala de que! De enchente! sei nem como fala”.

“Seu” Renato nos mostrou que para atingirmos o “ponto”, precisávamos valorizar um contexto histórico mais amplo de uma Manaus de outrora que os entrevistados sempre insistiram em nos contar. Se em Veneza, sempre pudemos partir da “*acqua alta*” de 1966 para um contexto veneziano mais amplo no qual aquele evento sempre foi protagonista, em Manaus o sentido foi inverso, primeiro tínhamos que reconstruir uma conjuntura histórica mais ampla do lugar que nos levasse, em seguida, paulatinamente ao evento desejado: Manaus, rio, beiradão, moradias, serviços, cheias e grande enchente de 1953. Foi esse caminho que norteou as conversas em Manaus sobre a grande enchente de 1953 que, ainda, nem sempre saltava das memórias dos entrevistados como protagonista das várias histórias que me contavam.

Por outro lado, isso não deve nos levar a acreditar que as enchentes são acontecimentos banais para os amazônicos, ou menos importantes e dramáticas. Para além das visões maniqueístas (mais ou menos), nos move justamente as diferenças das narrativas carregadas de significados culturais que, mais do que afastar as “águas grandes” amazonenses da *acqua alta veneziana*, as aproxima.

A enchente de 1953, para Vivaldo Correa, também do Manaquiri onde nasceu em 1935, primeiro significou a transformação de seu tapiri, as margens do Rio Negro, em uma casa flutuante. Em seguida, suas lembranças também vão se alinhando a luz de mortes e destruições: “[...] foi terrível, muita água, morreu abacateiro, goiabeira, mamoeiro, mangueira, bananal no fundo, casa invadida, acabou com o gado, porcos, galinha foi uma calamidade!” que seguiu no tempo, atingindo a Manaus de hoje na medida em que, concluiu Vivaldo, aquelas águas ainda seriam a causa da crise atual no Amazonas: “[...] é por isso que hoje, nós temos sentido a crise, daquela época (1953) pra cá, desde lá num endireitou mais não”.

Para Emilia Ballarin, antiga moradora de Veneza, onde nasceu em 1929, a grande inundação de 1966, menos que um episódio finito no passado, é, a exemplo de Vivaldo, também um evento vivamente sentido no presente. Sentimentos estes, fruto das recorrentes águas altas que, nos últimos anos, só aumentam em Veneza.<sup>14</sup> Tanto para a veneziana, como para o amazonense, as águas grandes e altas passadas continuam “movendo os moinhos” de suas memórias.



Para Emilia, os efeitos incomuns da cheia de 1966 seguiram no tempo e, hoje, empurram para longe de Veneza uma ampla parcela de moradores, sobretudo de jovens, como sua filha, decretando, assim, o envelhecimento humano da antiga “Sereníssima”, “Venezia si é svuotata della gioventú, sono tutti vecchi qua”,<sup>15</sup> falou pesarosamente.

Por outro lado, a força do drama de 1966 não se encerra no presente, mas também se projeta para o futuro, segundo Emilia. Buscávamos, junto à entrevistada, os motivos daquela *acqua alta* excepcional, todavia, inferir sobre motivos e culpados parecia lhe aprisionar a um passado do qual ela, ao longo de nossa curta entrevista, buscava se livrar, lançando mão, para tanto, de fórmulas enfáticas e definitivas como “[...] Venezia é cosi!”.<sup>16</sup>

Em seguida, do presente de nossa entrevista (2013), depois de atrelar a *acqua alta* de 1966 ao envelhecimento da cidade, na qual se coloca como um exemplo, responsabilizando as sucessivas enchentes pela fuga de jovens, particularmente de sua filha, Emilia transforma as trágicas águas passadas de 1966 em profecia que repete como uma espécie de mantra e advertência futura: “[...] Venezia, tra 100 anni, non esisterá piú [...] Venezia non esisterá piú, esisterá solo la Punta dei Campaniglie [...] fra 100 anni, Venezia non esiste piú!”.<sup>17</sup>

Todas as vezes que pedíamos a Emilia suas memórias sobre *acqua alta*, esta lhe vinham primeiro como uma incomoda vizinha de todos os anos: “Ogni anno l’acqua alta viene, ogni anno; io a casa mia, l’altro anno, l’una di notte, avevo l’acqua a casa mia [...]”, em seguida como fator que potencializa sua solidão: “[...] io vivo da sola, perche mio marito é morto, mia figlia si é sposata e é andata abitare a Mestre e io sono sola!”.<sup>18</sup>

As enchentes venezianas, para Emilia, nos parecem estar sempre atravessando suas perdas mais caras, sobretudo a de sua filha que, seguindo a leva de tantos jovens, casou e foi embora para o continente. Assim, suas memórias tendem a responsabilizar as enchentes por sua solidão, talvez por isso, a sua pouca disposição em conversar sobre o tema que, em suas palavras, anima-se por um presente lacônico e um futuro profético.

Mas não imaginemos as profecias de Emilia como um devaneio senil, pelo contrário, elas devem ser pensadas dentro de um quadro ambiental-mundo que informa, por exemplo, os perigos que o aquecimento global está, há décadas, acarretando ao planeta, sobretudo para regiões costeiras como Veneza e o Amazonas, a primeira cercada de águas por todos os lados, e o segundo banhado pelo maior rio do mundo.

Uma das consequências da incrível *acqua alta* de 1966 foi a multiplicação de estudos sobre as particularidades ambientais de Veneza como os patrocinados e publicados pela UNESCO em seu *Rapporto su Venezia* de 1969 e no qual a cidade, segundo previsões de seus

técnicos, teria um tempo de vida ainda menor que as profecias de Emilia Ballarin, menos de 70 anos! Consequência dos ventos caprichosos (de *scirocco*), dos fenômenos marinhos periódicos como as águas altas e, segundo acrescentou o *Rapporto*, ao “progressivo sprofondamento di Venezia in rapporto al livello marino”,<sup>19</sup> fenômeno conhecido como *subsidenza* (UNESCO, 1969, p. 27-35).

Em letras mais claras, Veneza, há séculos, está sendo “comida” pelas águas. “Banquete” este, visivelmente intensificado nas últimas décadas diante de uma agressão humana ao meio ambiente sem precedentes. Se a ciência não lida com profecias, mas se vale de previsões calcadas em estudos técnicos, tanto as profecias como as previsões tem o futuro como seu tempo e, nesse ponto, se encontram tanto os estudos da UNESCO como as memórias de Emilia. Ambos projetam, do mesmo modo, um futuro sem Veneza que, dentro do tempo de uma vida humana, deveria ser riscada do mapa pelas águas.

Também encontrei as enchentes como “rés”, em meio às memórias sobre as “águas grandes” amazonenses. Refiro-me a Francisca Pereira da Silva que, do alto de seus cem anos de vida (ela é de 1913, natural de Coari), não se lembrou, para minha frustração, de maiores detalhes das grandes enchentes no Amazonas, mesmo a famosa de 1953 quando já era adulta e mãe de quatro filhos: “[...] mi lembro não, seu menino!”, sussurrou em tom de lamentação.

Mesmo considerando a fragilidade da saúde de Francisca e compreensíveis as “falhas” de uma memória centenária, seus esquecimentos para com 1953 seguiram nos incomodando. Apenas na segunda entrevista, seguindo as “notas de orientação” sobre o esquecimento de Ricoeur (2007, p. 423-462) e confrontá-las com as narrativas de seu filho Francisco, pudemos começar a compreender tanto as lacunas de Francisca como as reticências de Emilia.

De relance, em meio às lembranças de Francisco, cheguei a um revés em suas vidas ocorrido ao longo daquela grande enchente. Após mais de dez anos de união, o marido de Francisca abandonou a família, talvez ele não tenha resistido aos efeitos destruidores da enchente e, como tantos outros ribeirinhos, tenha preferido tomar o rumo de Manaus.

Francisca, ao invés, resistiu tanto aquelas “águas grandes”, quanto ao abandono, permanecendo nas várzeas de Coari até o início dos anos sessenta. Suas “falhas” de memória para com as “águas grandes” de 1953, possivelmente se devam pela relação (idealizada por Francisca) entre a enchente e a renúncia do marido, a segunda como culpa da primeira.

Enquanto Francisca expressa suas mágoas em forma de um silêncio ensurdecedor, Emilia recorre ao laconismo ou a frases síntese, de ambas as memórias saltam uma franca irreconciliação com o passado das enchentes, na medida em que elas, possivelmente não as esqueceram, “apenas” Francisca não conseguiu perdoar o marido e Emilia as enchentes.

O filho de Francisca, pelo contrário, e para nossa grata surpresa, mesmo com quatro anos de idade, lembrou mais da enchente do que sua mãe. Para o menino de então, a traumática separação deve ter tornado mais viva ainda as recordações da grande cheia, momento em que seu pai foi embora. Ele talvez tenha conseguido perdoar o pai e se reconciliar, por isso, com o passado. Esquecimento e perdão, ambos o “horizonte de uma memória apaziguada, e até mesmo de um esquecimento feliz” (RICOUER, 2007, p. 423).

Apenas no decorrer das quatro entrevistas com Sebastião Garcia pude dimensionar melhor os significados das “águas grandes” amazonense em sua vida. Foi por conta da grande enchente de 1953 que ele deixou a Ilha do Manaquiri para tentar a sorte em Manaus, onde definitivamente aportou, aos quinze anos de idade, casado com Neuza e pai de um menino.

Logo depois o tempo “encrespou” de vez, as chuvas caíram a ponto de parecer não acabar mais, enchendo as cabeceiras dos rios cujas águas desceram sorradeiras, solapando as margens, transformando os beirais mais expostos, alagando plantações, reconfigurando as fronteiras líquidas, submergindo povoados, vilas e cidades para se acalmar apenas sobre as terras ribeirinhas, várzea adentro.

Conforme havia combinado com seu pai, Sebastião iria apenas “passar a enchente” em Manaus na casa flutuante do seu cunhado no bairro da Cachoeirinha, ajudando-o na venda de verduras na feira do bairro, as mesmas que cultivava nas margens de sua ilha natal. Quando as terras comesçassem a “sair” do fundo das águas, ele retornaria ao Manaquiri para ajudar o pai na roça, especialmente no cultivo da juta.

Depois de receber as “boas-novas” do pai, ele até voltou, “nós vamo lá vê como é que tá as terra lá”, falou à sua esposa Neuza, mas a decisão já tinha sido tomada. Ele comunicou ao pai, que resolvera, a contragosto de Neuza, ainda incomodada de morar na casa flutuante do irmão, permanecer em Manaus para continuar tentando a sorte como vendedor de verduras e pimentas pelos mercados e ribeiras da cidade.

Sebastião lembra-se com detalhes da conversa com o pai, quando replanejaram o futuro de suas vidas, completamente alterado pela decisão de Sebastião de trocar a agricultura varzeana pelo comércio desta em Manaus. A conversa foi rápida e tranquila, ambos já conscientes da irreversível mudança que as águas de 1953 provocaram em suas vidas:

**Pai** – Rapaz é o seguinte, se você não for trabalhar na parte mais baixa da terra, eu vou plantar um milho e a parte mais alta, vou plantar uma roça.

**Filho** – Tá papai, pode plantar e eu vou voltar pra Manaus, se eu num achar que eu não tou bem, não arranjá dinheiro pra comprar lá um flutuante pra mim, aí eu volto, venho me embora pra cá, vou indo pro que é meu.

Por conta de tudo isso, Sebastião sempre retoma a grande cheia de 1953 por conotações de admiração: “[...] ainda não deu outra (enchente) maior di que essa!”; de respeito: “[...] eu vim pra Manaus por causa daquela enchente grande em 1953, maior que já deu no Amazonas”, e gratidão, um divisor de águas em sua vida, “[...] foi donde eu me achei [...]”, afirmou: de carvoeiro, roceiro e cultivador de juta nas várzeas do Manaquiri, completamente submersas pela inundação, em Manaus ele “vira” o feirante “Sabá”, verdureiro conhecido dos mercados, feiras e ribeiras, há mais de meio século na profissão que, para ele, representa ainda sua nova identidade.

Gilberto Ballarin, por sua vez, não mudou de profissão por conta da *acqua alta* de 1966, ele seguiu como um dos muitos *vetraio* (artesões de vidro) da Ilha de Murano. Porém, a exemplo de Sebastião, também nos contou que aquela enchente compeliu seu pai e “[...] tutti quelli che lavoravano agli orti [...]”<sup>20</sup> em Pellestrina, a mudarem de atividade completamente arrasada pelas águas salgadas que encharcaram e inutilizaram, por anos, os terrenos de agricultura da pequena ilha.

Como Sebastião ainda que “virou” comerciante de verduras em Manaus, o pai de Gilberto também não foi muito longe, se o mar lhe “tirou” uma profissão, lhe deu outra, a de pescador em sua mesma ilha natal:

[...] mio padre, diciamo faceva l’ ortolano, da quello giorno li ha smesso, perche l’ aqua salata há rovinato tutto, tutto diciamo é il terreno, tutto le verdure, da quello giorno li sono sparite [...] é stato costretto a fare um altro tipo di lavoro, da quello giorno li, é andato fare il pescatore.<sup>21</sup>

## **Conclusão: águas que seguem**

Se as águas amazônicas, nosso berço de nascimento, lugar de moradia, formação acadêmica e objeto de estudo desde o doutorado em 2005, ainda me surpreendem, o que dizer das de Veneza que pesquiso a pouco mais de dois anos? Primeiros passos, sem dúvida.

Ainda que realidades culturais, sociais e ecológicas completamente diversas: o rio Amazonas, origem de um estado continental, de água doce e muito maior que a salgada laguna de Veneza, berço de uma minúscula cidade-ilha (para ficarmos apenas nas particularidades ecológicas), por outro lado, salta aos olhos também, a comum e antiga relação que ambos os lugares tem com as águas marinhas e fluviais que informam e influenciam nos modos de ser e fazer das respectivas sociedades, cujas memórias dos moradores nos propuseram desconhecidas histórias de suas águas extraordinárias, a “água grande” de 1953 no Amazonas e a *acqua alta* de 1966 em Veneza, motes desse artigo.

Se, como anuncia Samuel Benchimol (1977, p. 440), “os amazônidas são filhos do rio”, ou como apregoa Giulio Obici (1967, p. 09), “L’acqua, qui, é di casa” e John Berendt (2005, p. 09),<sup>22</sup> “La chiave per capire Venezia é il ritmo della laguna e dell’acqua”,<sup>23</sup> venezianos e amazonenses mantêm com as águas uma relação orgânica que os identifica, os localiza e os representa em uma peculiar geografia socioambiental, na qual, tanto o rio como a laguna, são uma emblemática e poderosa expressão, ligação que nos leva aos diversos modos

de vida amazônico e veneziano, profundamente influenciado pelas águas, meio catalisador de suas crenças e seus mitos, base de sua cultura material, política e ideológica.

Finalmente é, sobretudo para as águas que seus moradores se voltam também para reclamarem seu direito à cidade, a história e a memória. Prerrogativas que passam necessariamente pelo acesso e uso do rio, do igarapé, do paraná, das várzeas, das beiras, do mar e da laguna.

### **Referências bibliográficas**

AB’SABER, Aziz Nacib. A Cidade de Manaus (primeiros estudos). *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 15, p. 18-45, Out. 1953.

AB’SABER, Aziz Nacib. Bases para o estudo dos ecossistemas da Amazônia brasileira. *Estudos Avançados*, vol. 1, São Paulo, n.1, p. 07-30, 1987.

ARAÚJO, André Vidal de. *Introdução à Sociologia da Amazônia*. 2ª ed. Manaus: Valer/Governo do Estado/EDUA, 2003.

BAZE, Abrahim. *125 anos de história (1873-1998): real e benemérita Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas*. Manaus: Valer, 1998.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: um pouco – antes e além – depois*. Manaus: Umberto Calderaro, 1977.

BERENDT, John. *Dove cadono gli angeli: Venezia e altri misteri*. Milano: Rizzoli, 2005.  
BEVILACQUA, Piero. *Venezia e le acque*. Roma: Donzelli, 1998.

BITTENCOURT, Agnello. *As enchentes do rio Amazonas*. Boletim da ACA, n.144, p. 07-11, jul. 1953.

BITTENCOURT, Agnello. *O homem amazonense e o espaço*. Manaus: Artenova, 1965. DORIGO, Livio. Le alte maree eccezionale a Venezia: período 1867-1966. *Ufficio Idrografico del Magistrato alle Acque*, Venezia, n. 156, p. 03-38, 1968.

FELISARI, GIULIO. *Venezia una storia per immagini, città e provincia dall'ottocento ai giorni nostri*: alle soglie del boom e la grande alluvione. Milão: Rotolito Lombarda, 2008.

MENCINI, Giannandrea. *Venezia acqua e fuoco*: la política della salvaguardia dall' alluvione del 1966 al rogo della Fenice. Venezia: Il Cardo, 1996.

MONTAGNI, Gianni. L'acqua alta a Venezia: problema crônico. In: *Venezia una storia per immagini, città e provincial dall'ottocento ai giorni nostril*: alle soglie del boom e la grande alluvione. Milano: Rotolito Lombarda, 2008. v. 4, p. 08-17.

MONTAGNI, Gianni. *La piena dietro l'angolo*: ricordi dell'alluvione de nevensbre 1966. Venezia: Provincia di Venezia, 2006.

OBICI, Giulio. *Venezia fino a Quando?* Padova: Marsilio, 1967.

ORTALLI, Gherardo. Le scelte amministrative e le difficoltà del centro urbano. In: *Un futuro per Venezia? Riflessioni a 40 anni dall'alluvione del 1966*. Venezia: Istituto Veneto di Scienze, Lettere ed Arti, 2006, p. 19-28.

SOARES, L. de Castro. *Amazônia*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1963. SOLKA, Giordani A. *Venezia e il problema delle acque alte*. Venezia: Museo Cívico di Storia Naturale di Venezia, 1976.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

STERNBERG, Hilgard O'Reilly. *A água e o homem na várzea do careiro*. Rio de Janeiro: U. Brasil, 1956.

THURY, Admar. Hidrometria do rio Negro no Porto de Manaus. *Boletim da ACA*, n.144, p. 22-23, jul. 1953.

---

\*\* Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O artigo é parte de meus estudos de doutorado (2010) com bolsa CNPQ e de Pós-doutorado (2014) com bolsa CAPES.

<sup>1</sup> Segundo dicionário da língua portuguesa, enchentes, inundações e cheias são sinônimo. Segundo terminologia técnica do Ministério das Cidades (BRASIL, 2007B): Enchente ou cheia é a “elevação temporária do nível d’água em um canal de drenagem devido ao aumento da vazão ou descarga”; Inundação é “o processo de extravasamento das águas do canal de drenagem para as áreas marginais (planícies de inundação, várzeas, ou leito maior do rio) quando a enchente atinge cota cima do nível máximo da calha principal do rio”; Alagamento é o “Acumulo momentâneo de águas em uma dada área, decorrente de deficiência do sistema de drenagem”. No âmbito desse artigo, em que pese esses diferentes conceitos, usaremos indistintamente os termos enchente, cheia ou inundação, tal como traz os dicionários e o entendimento de nossas fontes impressas e orais.

<sup>2</sup> “Água alta, percursos alternativos para pedestres” (tradução nossa).

<sup>3</sup> Ao tempo da grande enchente de 1953 a “Região de Manaus” era formada, além da cidade de Manaus, pelas ilhas do Careiro e Manaquiri no rio Solimões/Amazonas e o Distrito de Airão no rio Negro.

<sup>4</sup> Os dados foram obtidos junto ao Serviço Hidrométrico da Manaus *Harbour* (antiga concessionária do porto), acervo disponível no Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas e Biblioteca do Museu Amazônico.

<sup>5</sup> “Por seis horas o mar dá, por outras seis recebe [...] A laguna pode ser comparada a um pulmão” (tradução nossa).

<sup>6</sup> “[...] na verdade, depois de um tempo, as marés são mais frequentes no inverno, e com o tempo, dizemos que traziam mais (água) do que agora; agora uma vez a cada mês, maré um pouco excessiva, mas a época, se era inverno era inverno, o mar de scirocco, como também disse o meu Colega (Emilio) eram os mesmos, um dia sim, um dia não [...]” (tradução nossa).

<sup>7</sup> “Ele (o livro) documenta uma tragédia vivida em primeira pessoa por nossa população” (tradução nossa).

<sup>8</sup> “[...] partindo do grande momento-crítico (ou de virada) representado para Veneza contemporânea a enchente de 1966” (tradução nossa).

<sup>9</sup> “[...] a água de alta de tantos dias ao ano, ou pior, a água grande de certos dias dramáticos deste século, como aquele desastroso 04 de novembro de 1966” (tradução nossa).

<sup>10</sup> “A assustadora maré alta de 4 de novembro 1966 (...) foi absolutamente excepcional [...]” (tradução nossa).

<sup>11</sup> “[...] eu me lembro, principalmente pelas palavras de minha mãe [...]” (tradução nossa).

<sup>12</sup> “[...] minha mãe havia me explicado bem, ou seja: a água não descia, não é descida, e era a primeira vez, que ela soubesse, que a água não era descida [...] nunca visto” (tradução nossa).

<sup>13</sup> “E como aquela (enchente), a senhora não viu?”; “Não! Não! Mas nem mesmo o meu pai que já era mais experiente; nunca visto!” (tradução nossa).

<sup>14</sup> Segundo Bevilacqua (1998, p. 151), a Praça San Marcos (parte mais baixa de Veneza), se no início do século XX era alagada no máximo 7 vezes por ano, atualmente isso ocorre 40 vezes por ano.

<sup>15</sup> “Veneza se é esvaziada da juventude, somos todos velhos aqui” (tradução nossa).

<sup>16</sup> “Veneza é assim!” (tradução nossa)

<sup>17</sup> “[...] Veneza, daqui a 100 anos, não existirá mais [...] Veneza não existirá mais, existirá apenas a Punta dei Campaniglie (de San Marcos) [...] daqui a 100 anos, Veneza não existirá mais!” (tradução nossa).

<sup>18</sup> “Todo ano, a água alta vem, todo ano; eu a minha casa, outro ano, a uma da noite, tinha água a minha casa [...] eu vivo sozinha, porque meu marido é morto, minha filha casou e foi morar a (Veneza) Mestre e eu sou sozinha!” (tradução nossa).

<sup>19</sup> “progressivo afundamento de Veneza em relação ao nível marinho” (tradução nossa).

<sup>20</sup> “[...] todos aqueles que trabalhavam com hortas [...]”(tradução nossa).

<sup>21</sup> “[...] meu pai era verdureiro, daquele dia em diante parou, porque a água salgada estragou tudo, tudo dizemos, o terreno, todas as verduras, daquele dia em diante, desapareceram [...] foi obrigado a fazer um outro tipo de trabalho, daquele dia em diante, foi trabalhar como pescador” (tradução nossa).

<sup>22</sup> “A água aqui é de casa” (tradução nossa).

<sup>23</sup> “A chave para entender Veneza é o ritmo da laguna e da água” (tradução nossa).